



Faculdades Integradas Teresa D'Ávila

Faculdade de Administração

Danilo Borges Fernandes

**A aplicabilidade do mercado de ações como
forma alternativa de investimento financeiro
para pequenos investidores**

Lorena, SP
2007

Danilo Borges Fernandes

**A aplicabilidade do mercado de ações como
forma alternativa de investimento financeiro
para pequenos investidores**

Monografia apresentada à Faculdade de
Administração – Gestão Empresarial
Estratégica das Faculdades Integradas
Teresa D'Ávila – FATEA, como Trabalho
de Conclusão de Curso.

Orientadora: Profa. Ms. Vanessa Cristhina
Gatto Chimendes.

Lorena, SP
2007

Danilo Borges Fernandes

**A aplicabilidade do mercado de ações como forma
alternativa de investimento financeiro para pequenos
investidores**

Monografia apresentada à Faculdade de
Administração – Gestão Empresarial Estratégica
das Faculdades Integradas Teresa D'Ávila –
FATEA, como Trabalho de Conclusão de Curso.

Banca Examinadora

Prof. Ms. Vanessa Cristhina Gatto Chimendes
Faculdades Integradas Teresa D'Ávila - FATEA

Prof. Esp. Roberto Carlos de Sá
Faculdades Integradas Teresa D'Ávila - FATEA

Prof. Dr. Humberto Felipe da Silva
Escola de Engenharia de Lorena, Universidade de São Paulo

Lorena, 27 de outubro de 2007.

DEDICATÓRIA

À Tatiana, minha noiva, pelo amor, dedicação, incentivo e paciência. Sem ela, meus objetivos pessoais e profissionais poderiam ser alcançados, mas com certeza, estes, não teriam o mesmo significado, brilhantismo e sucesso.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus por até aqui ter me ajudado, concedendo saúde, bênçãos e inteligência para a realização de mais uma etapa na minha vida.

À minha noiva, Tatiana, por estar ao meu lado, sempre, se dedicando e apoiando na conquista dos nossos sonhos e objetivos.

Agradeço à minha orientadora, Profa. Ms. Vanessa Chimendes, que me apoiou desde o início, confiando seus livros e materiais que contribuíram e muito para a realização deste trabalho.

Às “meninas da biblioteca”, como sempre as chamei, pela dedicação e reconhecimento da real necessidade do aluno graduando. Em especial à Nilce, pelas dicas e apoio constante na concessão de livros que foram de fundamental importância.

Aos meus amigos, Guto e Paula, que apoiaram e contribuíram com idéias e sugestões durante o desenvolvimento do trabalho.

Aos meus pais que em sua humildade reconheceram a importância do aprendizado e apoiaram minha decisão por um futuro promissor.

Por fim, e não menos importante gostaria de agradecer à todos que de alguma forma contribuíram com a realização deste sonho.

“O segredo é não correr atrás das borboletas... É cuidar do jardim para que elas venham até você”.

(Mário Quintana)

RESUMO

FERNANDES, Danilo B. *A aplicabilidade do Mercado de Ações como forma alternativa de investimento financeiro para pequenos investidores*. 2007. 50p. Monografia (Graduação) – Faculdade de Administração, Faculdades Integradas Teresa D'Ávila – FATEA, Lorena, 2007.

Buscando contribuir com o campo do conhecimento este trabalho tem por objetivo apresentar aos pequenos investidores brasileiros o Mercado de Ações como forma alternativa de investimento financeiro, com o intuito de investigar as evoluções de rentabilidade anual, nos anos 2004, 2005, 2006 e meados de 2007, dos fundos de investimento de renda fixa e poupança, e comparar tais rentabilidades com as do mercado de ações; analisar os riscos do mercado de ações, e verificar possíveis mecanismos que auxiliem na redução destes riscos; e apresentar um portfólio virtual de uma aplicação no mercado acionário, no período de Janeiro a Julho de 2007, de forma que a visualização e o conceito do projeto sejam interpretados não somente com informações técnicas e teóricas. O presente trabalho permitiu o estudo através de uma carteira virtual em que pode ser analisado as rentabilidades do mercado de ações com os índices da caderneta de poupança, renda fixa e inflação concluindo que em alguns anos a rentabilidade da caderneta de poupança foi corroída pela inflação. Por ser um mercado mais sensível às notícias econômicas, o mercado de ações exige maior acompanhamento dos investidores com o propósito de diversificação de seus investimentos, buscando com isso melhores resultados financeiros.

Palavras-chave: mercado de ações - investimento financeiro – risco / retorno - investidor

ABSTRACT

FERNANDES, Danilo B. *Stock Market Venture as an alternate source of financial investment for small investor*. 2007. 50p. Monograph (Graduation) – Faculdade de Administração, Faculdades Integradas Teresa D'Ávila – FATEA, Lorena, 2007.

Looking for to contribute with the field of the knowledge, the main objectives of this work is to present to the small Brazilian investors the Stock Market as an alternative of financial investment, with the intention to investigate the evolutions of annual profitability from the years 2004, 2005, 2006 and running year of 2007, of fixed income and savings account investment funds, and to compare such profitabilities with the ones of the stock market; to analyze the risks of the stock market, and to verify possible mechanisms to aid in the reduction of these risks; and to present a virtual portfolio of an application in the stock market, in the period of January to July of 2007, so that the visualization and the concept of the project is interpreted not only with technical and theoretical information. The present work allowed the study through a virtual wallet in that it can be analyzed the profitabilities of the stock market with the indexes of the savings account, fixed income and inflation concluding that in some years the profitability of the savings account was corroded by inflation. For being a more sensitive market to the economy news, the stock market demands the investors increased monitoring with the purpose of diversification of their investments, looking for to attain better financial results.

Keywords: stock market – financial investment – risk / return – investor

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Estrutura do Sistema Financeiro Nacional (SFN)	18
Tabela 2 – Comparação do voto do acionista com o voto eleitoral	24
Tabela 3 – Os tipos de investidores e a composição de suas carteiras de investimento	33

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Evolução da taxa básica de juros da economia brasileira (SELIC).....	36
Figura 2 – Comparativo de Rentabilidade.....	37
Figura 3 – Comparativo de Rentabilidade descontada a inflação.....	38
Figura 4 – Evolução dos investimentos Renda Fixa e Caderneta de Poupança	42
Figura 5 – Evolução do Portfólio de Ações	43
Figura 6 – Comparação da Evolução dos Investimentos.....	44

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Exposição do assunto.....	13
1.2 Problema de Pesquisa.....	13
1.3 Justificativa para escolha do tema	14
1.4 Objetivos.....	15
1.4.1 Objetivo geral.....	15
1.4.2 Objetivos específicos	15
1.5 Delimitação do trabalho	15
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	17
2.1 Sistema Financeiro Nacional (SFN).....	17
2.1.1 Instituições Normativas	19
2.2 Mercado de Capitais	20
2.3 Mercado de Ações.....	21
2.3.1 Tipos de Ações	23
2.3.1.1 Ações Ordinárias.....	23
2.3.1.2 Ações Preferenciais	24
2.4 Bolsa de Valores.....	25
2.4.1 Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa)	28
2.4.1.1 Índice Bovespa - Ibovespa.....	28
2.5 Outros investimentos	29
2.5.1 Caderneta de Poupança	29
2.5.2 Títulos de Renda Fixa.....	30
2.6 Análise de Riscos	31

2.7 Os investidores	32
3 VIABILIDADE DO MERCADO DE AÇÕES	35
3.1 Comparativo de Rentabilidades: Caderneta de Poupança, Renda Fixa e Mercado de Ações	35
3.2 Como investir no mercado de ações.....	39
3.3 Apresentação de uma simulação de investimento no Mercado de Ações	41
4 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	46
5 CONCLUSÃO	47
REFERÊNCIAS.....	48

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar o Mercado de Ações para os pequenos investidores, como uma alternativa de investimento financeiro.

Acompanhando o Mercado de Ações, através de jornais, simuladores de investimentos, revistas, artigos e em outros meios de comunicação, passou a ser de grande interesse apresentar este segmento de ganho financeiro, tendo em vista ser um assunto que desperta interesse e que até mesmo ocasionou, por parte da Bolsa de Valores de São Paulo – BOVESPA, a criação do projeto “BOVESPA VAI ATÉ VOCÊ”, com o objetivo de apresentar este segmento de investimento financeiro a todas as camadas da população brasileira.

O Mercado de Ações passou, por anos, sob o domínio de grandes investidores e conhecedores, porém com o crescente avanço da rentabilidade das ações indo de encontro ao declínio da rentabilidade dos fundos de renda fixa e poupança, esse mercado passou a ser também, de forma moderada, uma alternativa de investimento financeiro aos pequenos investidores.

Serão abordados assuntos correlacionados ao mercado acionário que irão possibilitar e até mesmo instigar uma provável inclusão de pequenos investidores neste segmento de investimento financeiro que vem demonstrando forte rentabilidade e conseqüentemente a sua viabilidade como aplicação financeira para pequenos investidores.

Através de gráficos pretende-se demonstrar as evoluções e tendências do mercado acionário e comparar as evoluções dos fundos de renda fixa e poupança, frente às evoluções do mercado acionário.

Atrelado à rentabilidade do mercado de ações vêm os riscos deste segmento. Tais riscos que demandam uma maior proximidade do investidor junto ao investimento, merecem atenção especial tanto no momento de compra das ações, como na fase de acompanhamento do portfólio adquirido no mercado acionário.

Por ser um mercado sensível às notícias macroeconômicas nacionais, internacionais, e das empresas, o mercado de ações exige maior acompanhamento dos investidores. Estes são os fatores que contribuem para as oportunidades de

ganhos ou apresentam reações de tendências do mercado econômico que levarão a possíveis prejuízos.

Além de apresentar uma possibilidade de retorno financeiro, em um segmento diferenciado, este trabalho é sem dúvida uma ótima oportunidade para os administradores, de forma que estes poderão se especializar e buscar treinamentos que os capacitem a desenvolver atividades neste setor que cresce a cada ano.

Este tema apresenta questões importantes no âmbito da administração geral, e sua explanação revelará a importância que este tópico representa na sociedade moderna, que busca cada vez mais rentabilidade em suas aplicações financeiras.

1.1 Exposição do assunto

O mercado acionário no Brasil vem demonstrando oportunidades de ganhos financeiros, e por outro lado as aplicações populares no Brasil, que são a poupança e os fundos de renda fixa, estão a cada dia apresentando redução nos rendimentos, em virtude das quedas das taxas de juros.

Segundo D'Agosto (*apud* Vieira, 2007) sócio-diretor do site Fortuna, o fato de o mercado estar atravessando uma boa fase tem estimulado muita gente a sair dos fundos de renda fixa para tentar ganhar mais, pois o investidor tem olhado mais a rentabilidade do que o risco. Esta pode ser uma ótima oportunidade para apresentar o mercado acionário como uma alternativa de investimento financeiro para os pequenos investidores.

1.2 Problema de Pesquisa

Os freqüentes cortes na taxa SELIC (taxa básica de juros do Brasil), que por sua vez afetam diretamente a rentabilidade da *Poupança* e dos *Fundos de Renda Fixa*, as quais, necessariamente, são as aplicações prioritárias dos pequenos investidores do Brasil, apresentam-se como problema de pesquisa, em decorrência da vulnerabilidade que os pequenos investidores se encontram diante de uma situação na qual não têm alternativas, de certa forma, para aplicarem seus recursos de modo a auferirem melhores ganhos financeiros. Neste sentido cabe observar o

que é mais viável, ou seja, continuar no mercado prioritário e reter um retorno financeiro menor, porém seguro, ou investir no mercado acionário, um mercado de longo prazo e de risco, aumentando a possibilidade de ganhos financeiros?

1.3 Justificativa para escolha do tema

Com os tempos modernos, economia mundial em expansão cria-se uma motivação pela busca de conhecimento mais aprofundado sobre o tema, bem como a vontade de demonstrar tais resultados e conclusões ao maior número de interessados que tanto podem ser os pequenos investidores, foco principal do trabalho, como também universitários e intelectuais da área, de modo que possam observar o pequeno investidor como sendo um investidor com potencial de investimento. Os intelectuais da área, envolvidos com compromissos que demandam maior concentração de dedicação, por ventura acabam não percebendo no pequeno investidor um mercado promissor.

O Brasil apresenta momentos de expansão econômica trazendo, com isso, maior possibilidade de ganhos financeiros através do Mercado de Ações. Mesmo sendo o mercado de ações, um mercado muito volátil e de risco, segundo D'Agosto (*apud* Balbi, 2006) as pessoas estão mais ousadas, arriscando mais e buscando novos produtos, pois os juros vão continuar caindo, o país vai crescer, embora a uma taxa moderada, e a inflação está sob controle. Este pode ser um momento favorável para os pequenos investidores brasileiros começarem a examinar com cautela as decisões com aplicação financeira, com intuito de impulsionar os ganhos financeiros.

Levando em consideração que primordialmente os pequenos investidores aplicam seus recursos em investimentos como *Poupança* e *Fundos de Renda Fixa*, e em virtude das baixas rentabilidades auferidas por estas aplicações, ambas atreladas à taxa SELIC¹ (taxa básica de juros do Brasil), que por sua vez vem sendo reduzida, mês-a-mês, em decorrência da melhora do cenário econômico nacional e internacional, justifica-se o estudo do Mercado de Ações, e motivam os pequenos investidores brasileiros a buscá-lo como forma alternativa de investimento financeiro.

¹ Sistema Especial de Liquidação e de Custódia – SELIC, do Banco Central do Brasil, é um sistema informatizado que se destina à custódia de títulos escriturais de emissão do Tesouro Nacional e do Banco Central do Brasil, bem como ao registro e à liquidação de operações com os referidos títulos.

1.4 Objetivos

1.4.1 Objetivo geral

O objetivo geral do trabalho é apresentar aos leitores e pequenos investidores brasileiros o Mercado de Ações como forma alternativa de investimento financeiro.

1.4.2 Objetivos específicos

- Investigar as evoluções de rentabilidade anual, nos anos 2004, 2005 e 2006 e meados de 2007, dos fundos de investimento de renda fixa e poupança, e comparar tais rentabilidades com as do Mercado de Ações;
- Analisar os riscos do Mercado de Ações, e verificar possíveis mecanismos que auxiliem na redução dos riscos;
- Apresentar um portfólio virtual de uma aplicação no mercado acionário, no período de Janeiro a Julho de 2007, de forma que a visualização e o conceito do projeto seja interpretado não somente com informações técnicas e teóricas, mas também através de um estudo de caso.

1.5 Delimitação do trabalho

Para uma melhor compreensão do assunto e do tema do projeto, faz-se necessário considerar alguns aspectos relacionados ao entendimento da pesquisa: os conceitos básicos e o referencial teórico que se referem ao mercado acionário, através de demonstração fundamentada em literatura existente.

Para a discussão do tema alguns pontos devem ser destacados como base ou pontuação para nortear o assunto, logo, tendo um enfoque o mais preciso possível. Faz-se necessária a análise de alguns indicadores que representam o comportamento dos preços das ações de determinado setor da economia. *“Esses indicadores também servem como base de dados para mensurar o risco que o investidor assume quando resolve investir em ações.”* (MELLAGI FILHO; ISHIKAWA, 2003, p. 257).

A análise dos riscos, bem como da oportunidade de ganhos financeiros neste segmento de mercado, é importante e fundamental. Ao analisar os possíveis ganhos que poderão ser obtidos com o mercado de ações, também deverão ser levados em consideração os riscos e os possíveis custos de investimento.

“Diversos fatores influenciam os preços dos ativos, e das ações em particulares, tanto internos (relacionados ao desempenho da empresa emissora) quanto externos (relacionados ao desempenho da economia do país e das expectativas dos agentes econômicos)”. (MELLAGI FILHO; ISHIKAWA, 2003, p.275).

Em decorrência das rentabilidades altas e constantes auferidas nos últimos três anos pelo mercado acionário, e em expansão neste ano, fará com que os investidores tenham melhores possibilidades de ganhos em decorrência do mercado econômico do país estar apresentando estabilidade. Os analistas são unânimes em dizer que o processo de alta da Bolsa será contínuo, desde que mantidos os atuais fundamentos da economia brasileira e o crescimento da economia mundial (AGUILAR, 2006).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O objetivo deste tópico é apresentar alguns conceitos básicos relevantes para a compreensão do presente trabalho. Serão brevemente apresentados: definições do Sistema Financeiro Nacional (SFN) e sua estrutura, bem como a apresentação de seus órgãos normativos.

2.1 Sistema Financeiro Nacional (SFN)

O Sistema Financeiro do Brasil foi iniciado no fim do período colonial. Em 1808 foi fundado o Banco do Brasil e após a reforma institucional deu-se origem ao Conselho Monetário Nacional, ao Banco Central do Brasil, em 1964, e a regulamentação do mercado de capitais, que passaram por reformulações até a redefinição de todo o sistema e autoridades monetárias nacionais e a criação dos bancos múltiplos (WONNACOTT, 1994).

Em 1920, embora criada a Inspeção Geral de Bancos, com o objetivo de exercer a fiscalização sobre as instituições financeiras, ainda não se tratava de um órgão de normatização e controle amplo do mercado financeiro, sendo necessária a criação, em 1945 da Superintendência da Moeda e do Crédito – SUMOC. A estruturação básica do sistema ocorreu com a publicação da Lei nº. 4.595, de 31.12.1964, também conhecida como “Lei da Reforma Bancária” (FERREIRA, s.d).

Com a necessidade de negociação financeira entre os agentes superavitários e os agentes deficitários fez com que surgissem as instituições financeiras com a finalidade essencial de intermediação financeira na sociedade. São estas as instituições que formam o SFN e que conduzem os recursos dos ofertadores finais para os tomadores finais (CAVALCANTE, MISUMI e RUDGE, 2005, p. 22).

De acordo com Ferreira (s.d) o Sistema Financeiro Nacional (SFN) é definido como sendo o conjunto de instituições e órgãos que regulam, fiscalizam e executam as operações relativas à circulação da moeda e do crédito.

Conforme se pode observar, as definições apresentadas por Cavalcante, Misumi e Rudge (2005) e Ferreira (s.d), direcionam para um mesmo e singular entendimento em que o Sistema Financeiro Nacional é composto por um grupo de

instituições financeiras públicas e privadas que têm como órgão máximo o Conselho Monetário Nacional (CMN).

Os tomadores finais de recursos, de acordo com Cavalcante, Misumi e Rudge (2005), são aqueles que se encontram em posição de *déficit* financeiro, isto é, aqueles que pretendem gastar (em consumo e/ou investimento) mais do que sua renda. Eles precisam do complemento de poupanças de outros para executar seus planos, dispondo-se a pagar pelo capital que conseguirem, e os ofertadores finais de recursos são aqueles que se encontram em posição de *superávit* financeiro, isto é, aqueles que pretendem gastar (em consumo e/ou investimento) menos do que sua renda.

O SFN, conjunto de instituições financeiras voltadas para a gestão da política monetária do governo, ainda de acordo com Cavalcante, Misumi e Rudge (2005), é orientado por órgãos normativos, que são o Conselho Monetário Nacional (CMN), o Banco Central do Brasil (Bacen), a Comissão de Valores Mobiliários (CVM), o Banco do Brasil (BB), e o Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), como consta na Tabela 1.

Tabela 1: Estrutura do Sistema Financeiro Nacional (SFN)
Fonte: adaptado do Banco Central do Brasil (2007)

Instituições Normativas	Entidades Supervisoras	Operadores			
Conselho Monetário Nacional (CMN)	Banco Central do Brasil (Bacen ou BC)	Instituições financeiras captadoras de depósitos à vista	Demais instituições financeiras	Outros intermediários financeiros e administradores de recursos de terceiros	
	Comissão de Valores Mobiliários (CVM)	Bolsas de mercadorias e futuros	Bolsas de Valores		
Conselho Nacional de Seguros Privados (CNSP)	Superintendência de Seguros Privados (Susep)	Instituto de Resseguros do Brasil (IRB)	Sociedades seguradoras	Sociedades de capitalização	Entidades abertas de previdência complementar
Conselho de Gestão da Previdência Complementar (CGPC)	Secretaria de Previdência Complementar (SPC)	Entidades fechadas de previdência complementar (fundos de pensão)			

2.1.1 Instituições Normativas

De acordo com Cavalcante, Misumi e Rudge (2005), Wonnacott (1994), e Ferreira (s.d), o Sistema Financeira Nacional é operado pelas seguintes instituições normativas:

- Conselho Monetário Nacional (CMN): órgão deliberativo de cúpula do SFN, sendo suas principais atribuições: estabelecimento de diretrizes gerais das políticas monetária, cambial e creditícia; regulamento das condições de constituição, funcionamento e fiscalização das instituições financeiras; disciplina de instrumentos de política monetária e cambial, dentre outras. O CMN é constituído pelos Ministros da Fazenda, Planejamento e Presidente do Banco do Central do Brasil.
- Conselho Nacional de Seguros Privados (CNSP): órgão máximo do Sistema Nacional de Seguros Privados, sendo responsável pelo estabelecimento de normas aplicáveis às atividades de seguros no Brasil.
- Conselho de Gestão da Previdência Complementar (CGPC): integrante da estrutura do Ministério da Previdência Social, é órgão colegiado ao qual compete regular, normatizar e coordenar as atividades das entidades fechadas de previdência complementar (fundos de pensão).

Além dessas instituições normativas, citadas acima, o SFN, segundo Cavalcante, Misumi e Rudge (2005), Wonnacott (1994), Ferreira (s.d) e o Bacen, também é composto por entidades operativas que são os bancos múltiplos, comerciais, de investimento e desenvolvimento, caixas econômicas financeiras, sociedade de crédito imobiliário, bolsas de valores, corretoras, distribuidoras, agentes autônomos de investimento, seguradoras, *leasing*, *factoring* e consórcios.

2.2 Mercado de Capitais

Nesta seção será apresentado um pequeno histórico de como eram realizados os investimentos, de acordo com o Portal do Investidor (s.d). Acredita-se que o levantamento desta evolução histórica facilitará na compreensão do mercado de capitais. Ainda será apresentado o conceito de mercado de capitais, segundo a Bovespa (1999), Mellagi Filho e Ishikawa (2003) e Cavalcante, Misumi e Rudge (2005).

Antes da década de 60, o Portal do Investidor (s.d), explica que os principais investimentos dos brasileiros eram em ativos reais (imóveis), evitando aplicações em títulos públicos ou privados. Algumas leis tiveram maior importância para o mercado de capitais e para a economia nacional, e foram elas que deram uma reestruturação no mercado financeiro: a Lei nº 4.537/64, que instituiu a correção monetária, através da criação da ORTN, a Lei nº 4.595/64, denominada lei da reforma bancária, que reformulou todo o sistema nacional de intermediação financeira e criou o Conselho Monetário Nacional e o Banco Central e, principalmente, a Lei nº 4.728, de 14.04.65, primeira Lei de Mercado de Capitais, que disciplinou esse mercado e estabeleceu medidas para seu desenvolvimento. A edição destas leis resultou em diversas modificações no mercado acionário, tais como: a reformulação da legislação sobre Bolsa de Valores, a transformação dos corretores de fundos públicos em Sociedades Corretoras, forçando a sua profissionalização, a criação dos Bancos de Investimento, a quem foi atribuída a principal tarefa de desenvolver a indústria de fundos de investimento.

O mercado de capitais, de acordo com Bovespa (1999), é um sistema de distribuição de valores mobiliários, que tem o propósito de proporcionar liquidez aos títulos de emissão de empresas e viabilizar seu processo de capitalização. É um mercado de emprestadores e tomadores de empréstimos, sendo que o valor da remuneração dos empréstimos é chamado de juro ou, em termos percentuais, de taxa de juros (MELLAGI FILHO e ISHIKAWA, 2003).

Segundo Mellagi Filho e Ishikawa (2003) o mercado de capitais é formado pelo conjunto de instituições e operações ocupadas com o fluxo de recursos monetários entre os agentes econômicos. É ainda constituído pelas Bolsas de

Valores, Sociedades Corretoras e outras instituições financeiras autorizadas (BOVESPA, 1999).

Cavalcante, Misumi e Rudge (2005) abordam que as operações no mercado de capitais usualmente são de longo prazo e podem envolver a compra de participação acionária no empreendimento. Os autores ainda destacam que no mercado de capitais os principais títulos negociados são os representativos do capital de empresas (ações) ou de empréstimos feitos via mercado por empresas sem participação de intermediários bancários.

Uma das condições essenciais para o desenvolvimento econômico de um país é um mercado de capitais forte. Mas, o que significa “mercado de capitais forte”? Significa que o mercado reúne investidores e tomadores de recursos de maneira eficiente. Ao mesmo tempo, oferece alternativas de aplicação para a poupança dos primeiros e assegura que os tomadores poderão suprir suas necessidades de recursos de investimento em termos de montante, prazo e taxa. (CAVALCANTE, MISUMI e RUDGE, 2005, p. 19).

2.3 Mercado de Ações

O mercado de ações, no qual são negociados os direitos sobre os ganhos das empresas (ações), é o mercado financeiro mais amplamente acompanhado na América, e é por isso que é, segundo Mishkin (2000), frequentemente chamado apenas de “o mercado”.

Uma maneira de as empresas obterem fundos em um mercado financeiro é emitindo ou vendendo ações ao público.

Uma ação, para Bovespa (1999), Mishkin (2000), Fortuna (2005) e Cavalcante, Misumi e Rudge (2005), é um título que implica um direito sobre os ganhos e os ativos de uma empresa. É representada pela menor parcela do capital social de uma sociedade por ações e ainda são títulos de renda variável, porque tanto os seus rendimentos quanto seu próprio valor não são previamente fixados.

O detentor de uma ação (acionista) não é um credor da empresa, mas sim um de seus proprietários e, como tal possui direito à participação nos resultados da empresa proporcionalmente ao número de ações que detém (CAVALCANTE, MISUMI e RUDGE, 2005).

Em alguns casos, os mercados para ações e debêntures são parecidos com os mercados para camisas, sapatos e automóveis. O revendedor de automóveis ganha a vida comprando por um preço inferior ao preço de venda e embolsando a diferença; o banco de investimentos obtém lucros da mesma maneira, vendendo por um valor maior do que pagou. Entretanto, há uma diferença muito importante entre as duas atividades. O comprador de um par de sapatos ou de um automóvel pode examinar o produto e obter uma idéia da qualidade [...]. Em contraste, quem compra uma ação está adquirindo um pouco do futuro de uma empresa – um produto intangível que não permite avaliações de qualidade do mesmo grau de certeza que no caso dos sapatos. (WONNACOTT, 1994, p. 130).

Wonnacott (1994), Bovespa (1999), Mishkin (2000), Fortuna (2005) e Cavalcante, Misumi e Rudge (2005) abordam algumas características relevantes do mercado acionário e suas vantagens:

- **A lucratividade das ações:** quem possui ações lucra ao receber dividendos, bonificações, e pela valorização do preço das ações na bolsa de valores; o valor da ação;
- **O valor da ação:** tem por base o valor do patrimônio da companhia. O preço de compra e venda da ação é dado pelo mercado, variando em função do desempenho financeiro da empresa, bem como da conjuntura econômica doméstica e internacional;
- **Os dividendos:** são os ganhos referentes a parcela distribuídas do lucro líquido apurado no fim de cada exercício, na proporção de quantidades de ações possuída. Por lei, no mínimo 25% do lucro líquido das empresas é distribuído aos acionistas, e as preferenciais recebem 10% a mais em dividendos em relação as ordinárias caso o Estatuto Social da companhia não estabeleça um dividendo mínimo;
- **As bonificações:** são as novas ações distribuídas por uma empresa a seus acionistas, podendo ser excepcionalmente feita em dinheiro; e
- **A subscrição de novas ações:** o acionista tem prioridade nas compras das novas ações de uma empresa, ou seja, tem o direito de preferência na subscrição, assim o acionista pode manter a mesma participação que já

possui no capital total, contar com um ganho adicional dependendo das condições do lançamento e ainda pode vender esse direito a terceiro.

2.3.1 Tipos de Ações

De acordo com Fortuna (2005) e Alves (2003), as ações podem ser de dois tipos: ordinárias e preferenciais, e também podem ser nominativas e ao portador, ou seja, nas nominativas constará o nome do proprietário e no portador o proprietário é quem as tem em mãos.

As ações podem ser ordinárias, com direito a voto, ou preferenciais, com direito de preferência sobre os lucros a serem distribuídos aos acionistas, seja na forma de dividendos ou juros sobre o capital próprio, sendo que após o Plano Collor, todas ações passaram a ser obrigatoriamente emitidas na forma nominativa ou escritural. (FORTUNA, 2005, p. 559)

As ações, segundo Cavalcante, Misumi e Rudge (2005) não possuem prazo de resgate e podem ser negociadas em mercados organizados (Bolsas de Valores).

Bovespa (2004) explica que as ações, ordinárias ou preferenciais, são sempre nominativas, originando-se do fato a notação ON ou PN depois do nome da empresa.

2.3.1.1 Ações Ordinárias

Cavalcante, Misumi e Rudge (2005) conceituam as ações ordinárias como sendo aquelas que conferem ao seu titular o direito de voto na Assembléia de Acionistas e, portanto, de determinar o destino da empresa.

As ações ordinárias proporcionam, segundo Bovespa (1999), participação nos resultados da empresa e conferem ao acionista o direito de voto em assembléia geral.

Para um melhor entendimento das ações ordinárias, Cavalcante, Misumi e Rudge (2005) comparam o direito de voto destas ações com os votos do eleitor na política, conforme Tabela 2.

Tabela 2: Comparação do voto do acionista com o voto eleitoral
Fonte: adaptado de CAVALCANTE, MISUMI e RUDGE (2005)

VOTO DO ELEITOR NA POLÍTICA	VOTO DO ACIONISTA NA COMPANHIA
Cada eleitor = um voto	Cada acionista = X votos (cada ação ordinária = um voto)
Para ter mais votos → tenha mais eleitores	Para ter mais votos → tenha mais ações ordinárias, faça alianças etc.
Consiga esses votos → com campanha eleitoral, faça alianças etc.	Consiga esses votos → compre mais ações ordinárias, faça alianças etc.

De acordo com Gitman (2002), as ações ordinárias de uma empresa podem ser possuídas por um único indivíduo, por um grupo relativamente pequeno de pessoas, tais como uma família, ou ser propriedade de um número amplo de pessoas não-relacionadas entre si e/ou investidores institucionais.

Uma emissão de ações ordinárias pode resultar em uma mudança no grupo de pessoas e/ou organizações que são os donos da sociedade anônima, porque cada ação representa uma parcela da propriedade da sociedade. Como dono de uma ação, o comprador tem o direito de receber os dividendos pagos pela companhia e de votar nas assembleias de acionistas que escolhem os diretores. (WONNACOTT, 1994, p. 121).

2.3.1.2 Ações Preferenciais

Para Fortuna (2005) as ações preferências atribuem a seus titulares certas vantagens ou preferências.

As vantagens atribuídas por Fortuna (2005) são:

- prioridade no reembolso do capital, com prêmio ou sem ele;
- prioridade no recebimento de dividendos, de acordo com pelo menos um dos seguintes privilégios mínimos, fixados em estatuto:
 - a) o direito de participar em uma parcela de pelo menos 25% do lucro líquido do exercício, apurado na forma da lei, sendo que deste montante lhes é garantido um dividendo prioritário de pelo menos 3% do valor

patrimônio líquido da ação, e ainda, cumulativamente, o direito de participar dos lucros remanescentes em igualdade de condições com as ações ordinárias, depois de a essas ter sido assegurado um dividendo igual ao mínimo prioritário;

b) o direito ao recebimento de um dividendo de pelo menos 10% maior do que o atribuído às ações ordinárias; e

c) o direito de receber um dividendo pelo menos igual ao das ações ordinárias e cumulativamente o direito de serem incluídas na oferta pública de alienação de controle em igualdade de condições com as ações ordinárias não integrantes do bloco de controle.

As ações preferenciais podem ser, de acordo com Cavalcante, Misumi e Rudge (2005), de uma ou mais classes, e em sua maioria não asseguram direito a voto, sendo, preferencial para o acionista o lucro, mais importante que o controle, ou seja, este acionista prioriza a distribuição dos resultados.

Ainda de acordo com Cavalcante, Misumi e Rudge (2005) os acionistas detentores de ações preferenciais adquirem, junto com suas ações, algumas preferências:

- na distribuição de resultados;
- no reembolso de capital; e
- na acumulação dessas situações.

Para a Bolsa de Valores de São Paulo (1999) as ações preferenciais garantem ao acionista a prioridade no recebimento de dividendos (geralmente em percentual mais elevado do que o atribuído às ações ordinárias) e no reembolso de capital, no caso de dissolução da sociedade.

2.4 Bolsa de Valores

No decorrer da Idade Média, as operações financeiras resumiam-se na compra e venda de moedas e metais preciosos. Os negócios nesse período ainda eram de pequena monta, pela escassez de capital e falta de crédito. Quando a Bolsa de Valores de Amsterdã foi inaugurada em 1963, a palavra bilhão talvez não

existisse. Algumas poucas iniciativas de associação de capitais movimentavam recursos financeiros. Foi somente a partir de 1964, com as leis de Reforma Bancária e do Mercado de Capitais, que as Bolsas de Valores, do Brasil, assumiram as funções básicas que possuem atualmente (RUDGE, 2005).

Portal do Investidor (s.d) destaca algumas funções das Bolsas de Valores, que merecem atenção, por tratar não somente dos benefícios daqueles que detêm ações, mas por todos os indivíduos da sociedade. As bolsas de valores fornecem um excelente ambiente para as empresas levantarem capital para expansão de suas atividades através da venda de ações, e outros valores mobiliários, ao público investidor.

A mobilização de poupanças em investimentos é abordada por Portal do Investidor (s.d) como sendo uma das funções das Bolsas de Valores, onde as pessoas investem suas poupanças em ações de companhias abertas, levando a uma alocação mais racional dos recursos da economia, porque os recursos que, de outra forma, poderiam ter sido utilizados no consumo de bens e serviços ou mantidos em contas bancárias, são mobilizados e redirecionados para promover atividades que geram novos negócios, beneficiando vários setores da economia, tais como, agricultura, comércio e indústria, resultando num crescimento econômico mais forte e no aumento do nível de produtividade.

Ainda de acordo com Portal do Investidor (s.d.), as Bolsas de Valores viabiliza a redistribuição da renda ao dar a oportunidade para uma grande diversidade de pessoas adquirir ações de companhias abertas e, conseqüentemente, de torná-las sócias de negócios lucrativos, pois o mercado de capitais ajuda a reduzir a desigualdade da distribuição da renda de um país.

As bolsas de valores, de acordo com o disposto na Resolução nr. 2.690 de 28.01.2000, do CMN, constituem-se como associações civis, sem fins lucrativos ou sociedades anônimas, e têm objetivo social, entre outros, manter local adequado ao encontro de seus membros e à realização, entre eles, de transações de compra e venda de títulos e valores mobiliários, em mercado livre e aberto, especialmente organizado e fiscalizado por seus membros, pela autoridade monetária e, em especial, pela CVM. Além dessas funções básicas, as bolsas de valores propiciam liquidez às aplicações, fornecendo, concomitantemente, um preço de referência para os ativos ali negociados, por intermédio de um mercado contínuo, representado por seus pregões diários. (CAVALCANTE, MISUMI e RUDGE, 2005, p. 31-32)

Para a Bolsa de Valores de São Paulo (1999) e Fortuna (2005), que possuem um conceito similar sobre as bolsas de valores, estas são associações civis, sem fins lucrativos e com funções de interesse público, que atuam como delegadas do poder público, tendo ampla autonomia em sua esfera de responsabilidade.

Embora os autores tenham semelhanças em suas definições, para Portal do Investidor (s.d), as bolsas de valores são centros de negociação de valores mobiliários, notadamente ações de companhias abertas, cujos membros são as corretoras de valores, que utilizam suas instalações e sistemas eletrônicos para efetuar compras e vendas desses valores. No Brasil, segundo Portal do Investidor (s.d) as bolsas de valores são reguladas e fiscalizadas pela CVM, tendo ampla autonomia para exercer seus poderes de auto-regulamentação sobre seus membros, complementando o trabalho da CVM.

Cavalcante, Misumi e Rudge (2005) complementam que as bolsas de valores além de seu papel básico de oferecer um mercado para a cotação dos títulos nelas registrados, orientar e fiscalizar os serviços prestados por seus membros, facilitar a divulgação constante de informações sobre as empresas e sobre os negócios que se realizam sob seu controle, as bolsas de valores propiciam liquidez às aplicações de curto e longo prazos, por intermédio de um mercado contínuo, representado por seus pregões diários. É por meio das bolsas de valores, segundo Cavalcante, Misumi e Rudge (2005), que se pode viabilizar um importante objetivo de capitalismo moderno: o estímulo à poupança do grande público e ao investimento em empresas em expansão, que, diante deste apoio, poderão assegurar as condições para seu desenvolvimento.

Portal do Investidor (s.d) cita que a principal função de uma bolsa de valores é proporcionar um ambiente transparente e líquido, adequado à realização de negócios com valores mobiliários. Somente através das corretoras os investidores têm acesso aos sistemas de negociação para efetuarem suas transações de compra e venda desses valores.

2.4.1 Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa)

Segundo Portal do Investidor (s.d) o Brasil já contou com nove bolsas de valores, mas hoje as principais são a Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F) e a Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa). A BM&F, de acordo com Portal do Investidor (s.d), se destaca entre as maiores bolsas de mercadorias e futuros do mundo e nela são negociados ativos financeiros no chamado mercado futuro de commodities agropecuárias, entre outros.

Já a Bovespa, fundada em 23 de agosto de 1890, tem uma longa história de serviços prestados ao mercado de capitais e à economia brasileira, sendo, segundo Portal do Investidor (s.d), a maior bolsa da América Latina e uma das maiores do mundo, e nela são negociados principalmente as ações de companhias abertas e títulos privados de renda fixa, entre outros valores mobiliários.

A Bovespa transformou-se na segunda bolsa que mais cresce entre os países emergentes e exerce, em defesa do interesse dos investidores, um rigoroso acompanhamento de todas as transações, o que assegura elevados padrões éticos no cumprimento dos negócios realizados (BOVESPA, 2004).

De acordo com Fortuna (2005) a Bovespa oferece os mais variados mecanismos de negociação de títulos e valores mobiliários de empresas criteriosamente selecionadas, e conta com um sofisticado sistema de teleprocessamento para a difusão de informações.

2.4.1.1 Índice Bovespa – Ibovespa

De acordo com Fortuna (2005), o objetivo de um índice de preços de um ativo, produto ou de um conjunto de ativos, produtos é, de um modo geral, indicar o histórico de comportamento destes preços, dentro do intervalo de tempo em que eles estiverem sendo observados.

O Índice Bovespa (Ibovespa) é, segundo Bovespa (2006), o mais importante indicador do desempenho médio das cotações do mercado de ações brasileiro, sendo sua relevância advinda do fato de o Ibovespa retratar o comportamento dos principais papéis negociados na Bovespa e também de sua tradição, pois o índice

manteve a integridade de sua série histórica e não sofreu modificações metodológicas desde sua implementação, em 1968.

Fortuna (2005) explica que o índice Ibovespa é o valor atual, em moeda corrente, de uma carteira teórica de ações constituída em 02/01/1968, a partir de uma aplicação hipotética. Ainda, segundo Fortuna (2005), supõe-se não ter sido efetuado nenhum investimento adicional desde então, considerando-se somente os ajustes efetuados em decorrência da distribuição de proventos pelas empresas emissoras, tais como os dividendos recebidos e do valor apurado com a venda de direitos de subscrição, e manutenção em carteira das ações recebidas em bonificação.

Para Bovespa (2005) o índice reflete não apenas as variações dos preços das ações, mas também o impacto da distribuição dos proventos, sendo considerado um indicador que avalia o retorno total de suas ações componentes.

2.5 Outros investimentos

Nesta seção serão abordados, resumidamente, os conceitos dos investimentos Caderneta de Poupança e os Títulos de Renda Fixa, os quais serão comparados com o mercado de ações, no capítulo Análise de Investimentos.

2.5.1 Caderneta de Poupança

Cavalcante, Misumi e Rudge (2005) definem Caderneta de Poupança como sendo a forma básica de captação de recursos para o Sistema Financeiro Habitacional, tendo forte conotação popular, devido à sua conveniência mercadológica.

Para Fortuna (2005) é a aplicação mais simples e tradicional, sendo uma das poucas, senão a única, em que se podem aplicar pequenas somas e ter liquidez, apesar da perda de rentabilidade para saques fora da data de aniversário da aplicação.

Ambos os autores explicam que os recursos da caderneta de poupança devem ser aplicados de acordo com regras preestabelecidas pelo Banco Central que, conforme as variáveis econômicas do momento podem ser alteradas.

Atualmente, de acordo com os autores, a caderneta de poupança possui remuneração pela variação da Taxa Referencial – TR² acrescida de 0,5% a.m. e está totalmente isenta de impostos, podendo ser resgatada sem perda da remuneração a cada “aniversário” de 30 dias, a partir da data da aplicação.

2.5.2 Títulos de Renda Fixa

Para a Asbace (2007), os títulos de renda fixa são instrumentos financeiros que, em períodos definidos, pagam uma remuneração ao investidor que os adquiriu.

Moraes (2003) apresenta uma definição similar da Asbace (2007), na qual a renda fixa é um investimento com remuneração, determinada por taxa de juros prefixada ou pós-fixada.

Embora seja um investimento com uma remuneração pré ou pós-definida, Asbace (2007) e Moraes (2003) destacam que estes fundos apresentam retornos positivos desde a primeira carência e podem ser afetados pelas mudanças na política de juros do país.

Esses fundos, segundo Moraes (2003), são ideais para investidores que não têm disposição para risco e visam receber retornos positivos de uma forma contínua.

² Criada em fevereiro de 1991, a Taxa Referencial – TR serve como uma referência para o juro praticado no mercado financeiro. Sua fórmula já foi modificada diversas vezes, mas nos últimos anos é determinada em função da taxa média oferecida, por cerca de 30 instituições financeiras, nos CDBs pré-fixados, excluindo-se a taxa mais baixa e a mais alta. A TR é usada para definir o rendimento do SFH (Sistema Financeiro de Habitação) e da Caderneta de Poupança. Este último é determinado como sendo igual à variação da TR + 0,5% ao mês.

2.6 Análise de Riscos

No segmento do mercado acionário, a análise dos riscos é fundamental e imprescindível, em virtude de que com estas informações as aplicações se torna mais viáveis. Observar o mercado econômico, bem como analisar a saúde financeira das empresas que compõem uma determinada carteira de ações, faz parte de uma análise de riscos, no sentido de buscar a precaução, antes mesmo da compra.

Um fato real, e que introduz uma nova dimensão na análise de projetos de investimento, é a incerteza. Esta tem origem na impossibilidade de se controlarem os eventos futuros. Pode-se fazer previsão sobre os eventos futuros, mas não se pode determinar exatamente quando e com que intensidade eles irão ocorrer (CLEMENTE; SOUZA, 2004, p. 131).

Gitman (2002) define o risco, em seu sentido fundamental, como a possibilidade de um prejuízo financeiro ou possibilidade de que os resultados realizados possam diferir daqueles esperados.

Para Cavalcante, Misumi e Rudge (2005) o risco é um conceito subjetivo e pode ser definido como “probabilidade de perda”. Assim também pensa Luquet (2000) quando define risco como sendo a possibilidade do investidor não conseguir atingir os objetivos de investimento.

Ainda de acordo com Luquet (2000), todo ativo, seja uma ação, seja um contrato que embute uma taxa de juro, tem um valor pelo qual pode ser negociado no mercado e possui variação periódica, onde, quanto mais variaram o valor desse ativo, mais riscos eles contêm. Essa é uma das medidas mais eficientes de risco de uma aplicação e, no jargão do mercado, essa oscilação do retorno de cada ativo é chamada *volatilidade*. (Luquet, 2000, p. 20).

Bain e Howells (2001) dizem que ao escolher os ativos que desejam manter em carteira, supõe-se que as pessoas sejam avessas ao risco e que, portanto, estejam buscando o máximo de retorno para um determinado nível de risco, ou, melhor dizendo, um mínimo de risco para um determinado nível de retorno.

Ainda Bain e Howells (2001) afirmam que o retorno sobre um ativo é em geral expresso como sua média ou retorno médio (μ) durante um período de tempo.

Mishkin (2000) exemplifica e analisa os riscos através da diversificação de um portfolio de investimento de risco, o qual o velho ditado “não se deve colocar todos os ovos em uma só cesta” tem a chave para a resposta do porque muitos

investidores possuem muitos ativos com riscos distintos em vez de apenas um. Manter muitos ativos de risco reduz o risco geral que um investidor assume, e, portanto a diversificação é benéfica.

Securato (1996) alerta que ao se estudar a questão do risco e retorno de um investimento, deve-se procurar estabelecer alguns critérios relativos ao comportamento do investidor, de que quanto maior o risco maior o retorno desejável.

Segundo Luquet (2000), com o avanço da tecnologia, hoje em dia, os riscos podem ser quantificados através de modernos softwares de gerenciamento de riscos que podem ser instalados nos computadores dos administradores de recursos e dos investidores. Um dos mais utilizados atualmente, ainda de acordo com o autor, é o Value at Risk, ou VAR, que mede a probabilidade de perda de determinada aplicação (95% de probabilidade de acerto, quando as condições de mercado forem desfavoráveis as suas aplicações) em diversos cenários adversos da economia.

Embora Luquet (2000) apresente os avanços tecnológicos que visem a minimização dos riscos dos investimentos, este mesmo autor adverte:

Nunca entre num mercado sem antes conhecer seus riscos. Saiba que todos investimento embute uma dose de risco, portanto, não sossegue até estar convencido de que tem consciência dos riscos do mercado no qual você está investindo. Para avaliar corretamente o risco, esqueça a rentabilidade da aplicação específica que você está avaliando. Rentabilidades extremamente altas podem seduzi-lo e fazê-lo ficar generoso quanto ao nível de risco que está disposto a correr. Em momentos de crise, contudo, suas chances de se desesperar são maiores. Pergunte qual a perda máxima que determinada aplicação pode lhe dar. A resposta vai lhe ajudar a saber se você está ou não preparado para aquele investimento. (LUQUET, 2000, p. 21).

2.7 Os Investidores

Analisar o perfil do investidor é o primeiro passo para se ter a certeza de que o mercado de ações, independentemente de sua viabilidade, é o investimento pretendido.

Os investidores são indivíduos ou instituições que aplicam recursos em busca de ganhos a médio e longo prazo, que operam nas bolsas por meio de Corretoras e distribuidoras de valores, que executam suas ordens e recebem corretagens pelo seu serviço. (BOVESPA, 2004).

Para esta pesquisa, em especial, embora não exista uma delimitação específica para “pequenos investidores”, e um numerador mínimo para se iniciar um investimento no mercado acionário, propõe-se como pequeno investidor qualquer indivíduo que se interesse pelo mercado e que tenha objetivos de longo prazo. É importante ressaltar que “atualmente é possível encontrar aplicações, mesmo na bolsa de valores, a partir de R\$ 100,00” (LUQUET, 2000, p. 32).

Ao investir, Cavalcante, Misumi e Rudge (2005) orienta que deve-se ter um objetivo em mente, como garantir recursos para a aposentadoria, compra de imóvel, educação dos filhos ou simplesmente ter uma reserva para despesas imprevistas (saúde, desemprego etc), pois a importância de se ter um objetivo deve-se à necessidade de estabelecer os contornos ou parâmetros do investimento, como horizonte de retorno, grau de risco, necessidade de liquidez, tributação, entre outros.

O brasileiro está mudando a forma de aplicar seu dinheiro. Nunca se falou tanto de investimento em ações ou de alternativas de aplicação em renda fixa, como Tesouro Direto, debêntures ou FDICs, que tragam uma rentabilidade mais atrativa do que as opções mais tradicionais. Os seguidos cortes na taxa Selic e o conseqüente efeito sobre o rendimento das alternativas de investimentos mais populares no Brasil (como caderneta de poupança e fundos DI e de renda fixa) são os principais fatores por trás dessa busca por novas opções de investimento. (INFOMONEY, 2007).

O grau de aversão ao risco, segundo Cavalcante, Misumi e Rudge (2005), depende das características pessoais do investidor e do seu momento de vida, o qual num primeiro momento o investidor deve fazer uma análise pessoal sobre sua capacidade de suportar eventuais perdas ou oscilações de patrimônio antes de montar sua estratégia de investimento.

Cavalcante, Misumi e Rudge (2005) apresentam os três tipos de investidores mais comuns e a composição de suas carteiras, conforme se vê no Tabela 3.

Tabela 3: Os tipos de investidores e a composição de suas carteiras de investimento
Fonte: adaptado de CAVALCANTE, MISUMI e RUDGE (2005)

CONSERVADOR	MODERADO	AGRESSIVO
<i>Procura preservar capital</i>	<i>Não hesita nas decisões; busca performance.</i>	<i>Procura ganhar dos indicadores.</i>
50% em imóveis, seguros, ouro, poupança, títulos federais	40% em títulos de renda fixa de alta liquidez	10% em títulos de renda fixa de alta liquidez
40% em títulos de renda fixa	30% em ações especulativas	40% em ações especulativas
10% em ações	30% em ações de companhias de primeira linha	50% em ações de alta performance

Embora o folclore do mercado destaque sempre casos de investidores que tiveram grandes ganhos no curto prazo na bolsa, não deve ser esta a expectativa de quem decide investir em ações. Por ser um investimento de renda variável, o investidor nunca deve comprometer, na aquisição de ações, recursos que serão necessários para despesas de primeira necessidade ou gastos imediatos (BOVESPA, 2004).

É importante, também, segundo Bovespa (2004), que o investidor seja bem assessorado ao decidir suas aplicações. Acompanhar o noticiário econômico, seguir as publicações legais das companhias. Acessar informações específicas requerem esforço e conhecimentos técnicos especializados.

As Corretoras e outros intermediários financeiros dispõem de profissionais voltados à análise de mercado, de setores e de companhias, e com eles o investidor poderá se informar sobre o momento certo de comprar e vender determinadas ações para obter melhores resultados (BOVESPA, 2004).

3 VIABILIDADE DO MERCADO DE AÇÕES

Neste capítulo, serão apresentadas as evoluções de rentabilidade dos anos 2004, 2005, 2006 e meados de 2007, dos fundos de investimento de renda fixa, poupança, segundo Base de Dados do Portal Brasil®, ABECIP, Bacen, Cetip, Andima e Bovespa e mercado de ações referenciado pelo índice Ibovespa. Também será apresentado um portfólio virtual de uma simulação de aplicação no mercado acionário, apurada no período de Janeiro a Julho de 2007.

3.1 Comparativo de Rentabilidades: Caderneta de Poupança, Renda Fixa e Mercado de Ações (Ibovespa)

A estabilidade econômica abriu a possibilidade para uma mudança de visão por parte do investidor: a preocupação maior de defesa contra a inflação cedeu lugar ao objetivo claro de obter maiores ganhos nos investimentos (BOVESPA, 2004).

Sciarretta (2007) em um artigo publicado, recentemente, na Folha de S. Paulo, aponta que mesmo com risco maior, tem crescido a cada dia o número de investidores que usam a internet para comprar ações sem intermediários, pois nunca a Bolsa despertou tanto o interesse do brasileiro que investe na poupança e nos fundos de renda fixa, que perdem rendimento com a baixa do juro.

A queda na taxa básica de juros da economia e o conseqüente encolhimento da rentabilidade dos fundos de renda fixa, segundo Vieira (2007), também jornalista da Folha de S. Paulo, tem sido um fator negativo para a categoria. Sua atratividade diminui mês a mês, espantando investidores. Essa queda na taxa básica de juros abordada por Sciarretta (2007) e Vieira (2007), pode ser constatada na figura abaixo.

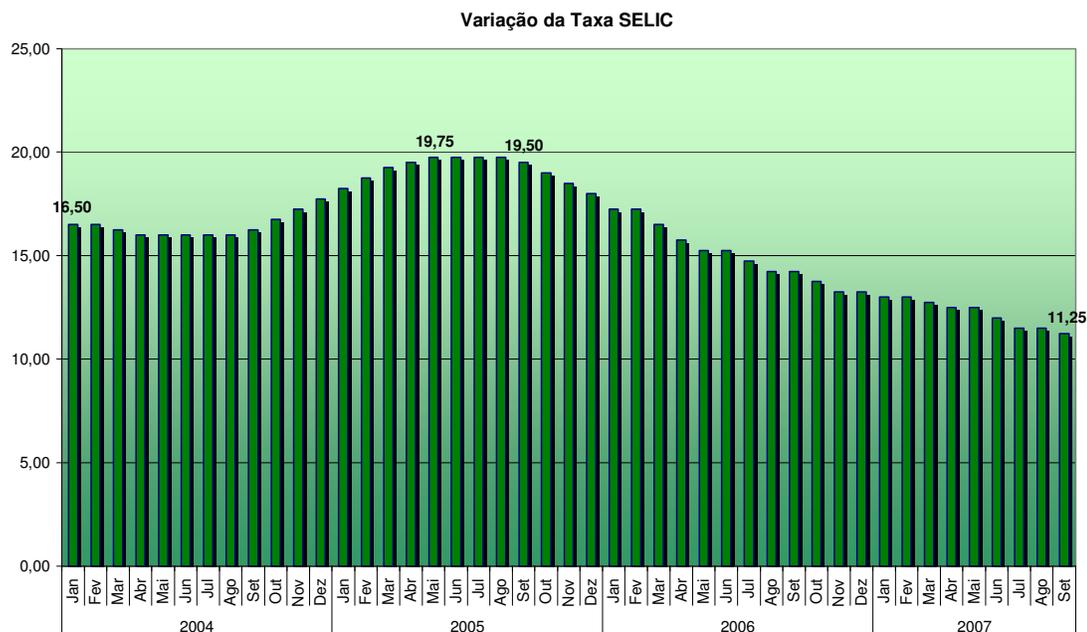


Figura 1: Evolução da taxa básica de juros da economia brasileira (SELIC)
 Fonte: o autor, adaptado do Bacen (2007)

De acordo com as corretoras (*apud* Sciarretta, 2007), “os novatos trazem uma cultura de investimento de poupança para a Bolsa, uma vez que estão acostumados a esperar um longo mês para embolsar rendimento de 0,65%”.

“O pequeno investidor pensa no longo prazo e investe em papéis sólidos, como Vale e Petrobras. São na maioria jovens ou recém-formados que têm apetite maior pelo risco. Começa a operar com pouco, mas tende a aumentar o apetite conforme vai ganhando”, disse Roberto Lee, da corretora Win (Sciarretta, 2007).

Na figura abaixo pode se observar à evolução anual dos investimentos, Caderneta de Poupança, Fundos de Renda Fixa e do Mercado de Ações (Ibovespa), e observar que ao longo dos anos, o Mercado de Ações apresentou melhores resultados que as outras aplicações.

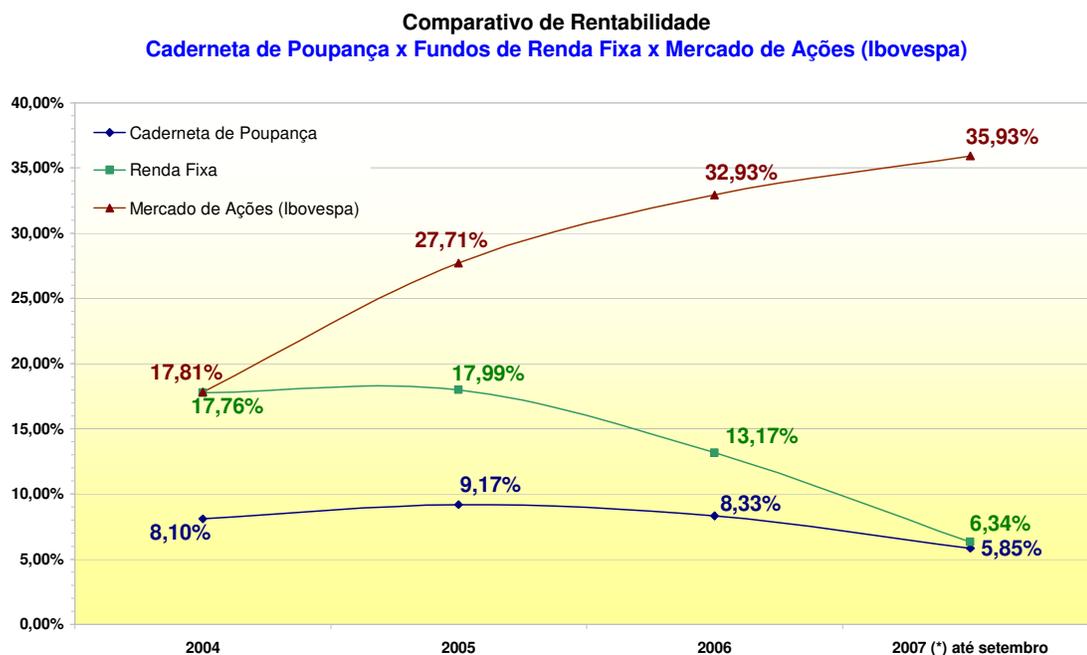


Figura 2: Comparativo de Rentabilidade
 Fonte: o autor, adaptado da Base de Dados do Portal Brasil®, ABECIP, Bacen, Cetip, Andima e Bovespa (2007)

Conforme apresentado, na figura 2, a rentabilidade da Caderneta de Poupança, tem sido baixa se comparada a outras aplicações. Os fundos de Renda Fixa, mesmo apresentando rentabilidade maior que a Caderneta de Poupança, observou-se também que o seu rendimento em 2006 teve expressiva queda, em decorrência da redução da taxa básica de juros demonstrada no Gráfico 1. O grande destaque de rentabilidade, no período pesquisado, é o Mercado de Ações que acompanha o Ibovespa. Com os significativos rendimentos apresentados pelo mercado acionário, o retorno acaba por atrair muitos investidores que nunca antes pensaram em aplicar em ações.

Segundo BALBI (2006) a fatia de investidores locais, pessoas físicas, comprando ações via corretoras subiu, passando dos 23% para 25,7% do movimento da Bolsa entre dezembro 2005 a janeiro de 2006. Seguindo o mesmo caminho, a participação dos investidores estrangeiros na BOVESPA, ainda de acordo com BALBI (2006), variou de 33,2% para 34,7% no mesmo espaço de tempo.

Para que a rentabilidade demonstrada na figura 2, para os diferentes investimentos, possa ser observada, com uma melhor precisão, pelos pesquisadores

e investidores, fez-se necessário apresentar, também, o comparativo de rentabilidade descontando a inflação do período, conforme a figura abaixo.

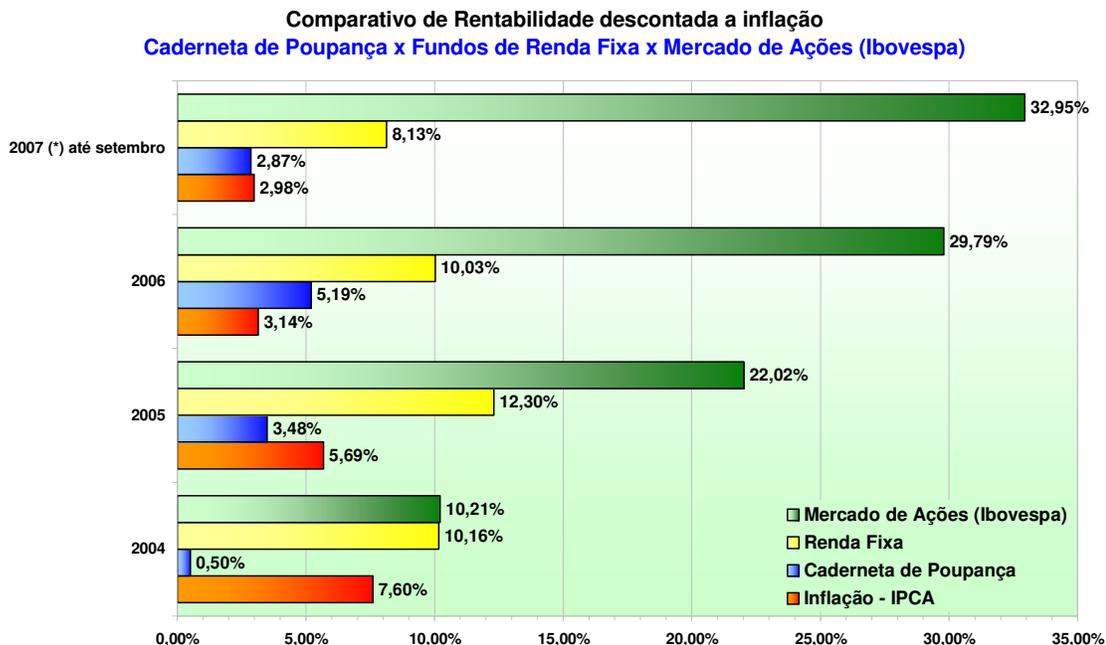


Figura 3: Comparativo de Rentabilidade descontada a inflação
Fonte: o autor, adaptado da Base de Dados do Portal Brasil®, ABECIP, Bacen, Cetip, Andima e Bovespa (2007)

Na figura acima os dados apresentam a dedução da inflação, medida pelo Índice de Preço do Consumidor Amplo – IPCA, nas rentabilidades Caderneta de Poupança, Fundos de Renda Fixa e Mercado de Ações (Ibovespa).

Após o procedimento de dedução da inflação observa-se que nos anos 2004 e 2005 a Caderneta de Poupança teve sua rentabilidade corroída pela inflação. Já no ano 2006, a Caderneta de Poupança apresentou uma baixa rentabilidade, em torno de 0,42% a.m. Mesmo tendo computado apenas os nove primeiros meses de 2007, observa-se, ainda, que a inflação também corroeu a rentabilidade da Caderneta de Popança.

As rentabilidades auferidas pelos Fundos de Renda Fixa, nos anos 2004, 2005, 2006 e nos meses de 2007, embora não tenham sofrido tanto com o efeito da inflação, tiveram reduções e nos anos pesquisados sua rentabilidade média não superou a marca de 1% a.m., índice muito baixo para qualquer investidor.

No mercado de ações a inflação não demonstrou força, até porque este mercado se apresentou muito bem, em relação aos outros investimentos, demonstrando fortes rentabilidades, principalmente nos anos 2005, 2006 e 2007. Sua rentabilidade média foi de 5,24% a.m.

3.2 Como investir no mercado de ações

Todo investidor busca a otimização de três aspectos básicos em um investimento: retorno, prazo e proteção. Ao avaliá-lo, portanto, deve estimar sua rentabilidade, liquidez e grau de risco. A rentabilidade é sempre diretamente relacionada ao risco. Ao investidor cabe definir o nível de risco que está disposto a correr, conforme demonstrado no capítulo “Os investidores”, em função de obter uma maior ou menor lucratividade.

Para operar no mercado secundário de ações, é necessário que o investidor se dirija a uma sociedade corretora membro de uma bolsa de valores, na qual funcionários especializados poderão fornecer os mais diversos esclarecimentos e orientação na seleção do investimento, de acordo com os objetivos definidos pelo aplicador. Se pretender adquirir ações de emissão nova, ou seja, no mercado primário, o investidor deverá procurar um banco, uma corretora ou uma distribuidora de valores mobiliários, que participem do lançamento das ações pretendidas.

De acordo com o que já foi visto, ações são títulos negociáveis em Bolsas de Valores, e exclusivamente por Corretoras de Valores, que são as únicas entidades habilitadas para isso. Todo cliente, pessoa física ou pessoa jurídica, só pode comprar ou vender ações através de uma Corretora, que o representará na Bolsa de Valores (BOVESPA, 2006).

Para se investir em ações é necessário, primeiramente, se cadastrar como cliente em uma Corretora de Valores. Em seguida, transferir o valor financeiro que deseja investir, para que possa começar a operar. Após estes procedimentos o investidor terá os serviços que a Corretora de Valores disponibiliza para auxiliar na compra e venda de ações.

A ampliação do uso da informática foi a marca das atividades da BOVESPA em 1999, com o lançamento do *Home Broker* e do *After-Market*, ambos meios para facilitar e tornar viável a desejada participação do pequeno e médio investidor no mercado.

O Home Broker permite que o investidor, por meio do site das Corretoras na Internet, transmita sua ordem de compra ou de venda diretamente ao Sistema de Negociação da BOVESPA. Neste sentido, o sistema da BOVESPA é único no mundo. Nos Estados Unidos, as ordens são executadas, em sua maioria, fora do âmbito das bolsas de valores e, portanto, nem sempre ao melhor preço (BOVESPA, 2006).

O After-Market é outra inovação da BOVESPA, pioneira em termos mundiais, que oferece a sessão noturna de negociação eletrônica. Além de atender aos profissionais do mercado, este mecanismo também é interessante para os pequenos e médios investidores, pois permite que enviem ordens por meio da Internet até as 22 horas. Atualmente, a BOVESPA é o maior centro de negociação com ações da América Latina, destaque que culminou com um acordo histórico para a integração de todas as bolsas brasileiras em torno de um único mercado de valores, o da BOVESPA.

O recinto onde se reúnem os operadores da bolsa de valores, o chamado pregão, segundo Fortuna (2005), é o local onde se executam fisicamente as ordens de compra e venda dadas pelos compradores e vendedores de ações às suas corretoras.

Os horários de funcionamento da Bovespa devem ser respeitados e observados pelos investidores:

- Pregão Eletrônico - sessão contínua das 10h às 17h;
- Pregão Viva Voz - das 10h às 16h45, com interrupção entre as 13h e 14h;
- After-Market - negociação exclusivamente no Sistema Eletrônico, sendo:
 - 17h30 às 18h - fase de pré-abertura, na qual será permitido o cancelamento das ofertas registradas no período normal; e
 - 18h às 22h - fase de negociação, dentro dos parâmetros estabelecidos para este segmento do mercado.

Para o investidor é importante saber sobre o valor de uma ação, o qual está diretamente relacionado ao valor de uma empresa, que, por sua vez, depende de

vários fatores: o resultado econômico-financeiro que apresenta através dos balanços, o potencial de crescimento do mercado onde atua, a sua liquidez, a sua solidez, entre outros aspectos.

A decisão de comprar determinada ação será sempre do investidor, que poderá tomá-la sozinho ou com a ajuda de sua corretora, o que é sempre aconselhável. A maioria das corretoras disponibiliza aos seus clientes um extenso portfólio de Relatórios, Análises e Carteiras Recomendadas, que o cliente pode receber da forma que achar melhor: por e-mail, acessando o site da corretora na internet, ou por telefone, conversando com profissionais, capacitados para atendê-lo da melhor maneira.

Também é uma decisão do investidor, o tempo em que deverá manter a sua carteira de ações. O fato é que, a longo prazo, as ações em geral apresentam um ganho muito superior a quaisquer outras formas de aplicação.

3.3 Apresentação de uma simulação de investimento no Mercado de Ações

A seguir, será apresentada a simulação de uma aplicação de R\$ 10.000,00 (dez mil reais), nos fundos de investimentos: Renda Fixa, Caderneta de Poupança e Mercado de Ações, através de uma carteira fictícia, no período de Janeiro a Julho de 2007.

Para a elaboração da carteira de ações que compõe o portfólio de ações desta simulação, será utilizada a proposta de Mishkin (2000), destacada no capítulo Análise dos Riscos, que trata sobre a diversificação de uma carteira de investimentos, reduzindo, assim, o risco geral do investimento. A carteira de ações em questão será baseada no índice Ibovespa, principal referência do mercado acionário, que, atualmente, reúne as 63 ações mais negociadas da Bovespa. (VIEIRA, 2007).

Composto por empresas de grande reconhecimento da sociedade e de maior participação percentual no índice Ibovespa, a carteira de ações do simulado será composta por 18 (dezoito) ações de cada uma das seguintes empresas: Bradesco PN (BBDC4), Sid Nacional ON (CSNA3), Gerdau PN (GGBR4), Itaubanco PN

(ITAU4), Petrobras ON (PETR3), Petrobras PN (PETR4), Unibanco UNT (UBBR11), Usiminas PNA (USIM5), Vale Rio Doce ON (VALE3) e Vale Rio Doce PNA (VALE5).

A apuração dos dados do portfólio de ações se dará, diariamente, através do banco de dados da Bovespa, InfoMoney, Bacen, Andima e Portal do Investidor. Já a apuração dos dados dos investimentos na Caderneta de Poupança e Renda Fixa, será realizada mês a mês, devido a maior facilidade na coleta das informações.

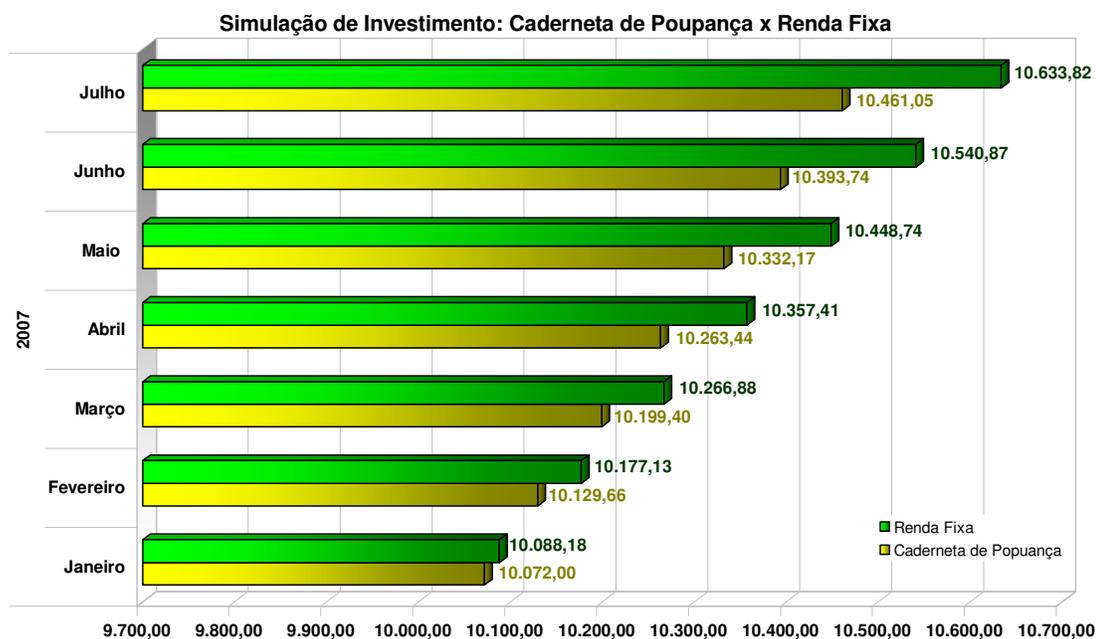


Figura 4: Evolução dos investimentos Renda Fixa e Caderneta de Poupança
Fonte: o autor, adaptado do Bacen, Andima e Portal do Investidor (2007)

Na figura 4, a Renda Fixa apresentou durante todos os meses, maior rentabilidade que a Caderneta de Poupança. Embora a Renda Fixa tenha apresentado melhor desempenho que a Caderneta de Poupança, em termos percentuais, pode-se observar que não houve muita diferença rentável. A Renda Fixa obteve rendimento acumulado de 6,33% e a Caderneta de Poupança, 4,61%, uma diferença de apenas 1,72%.

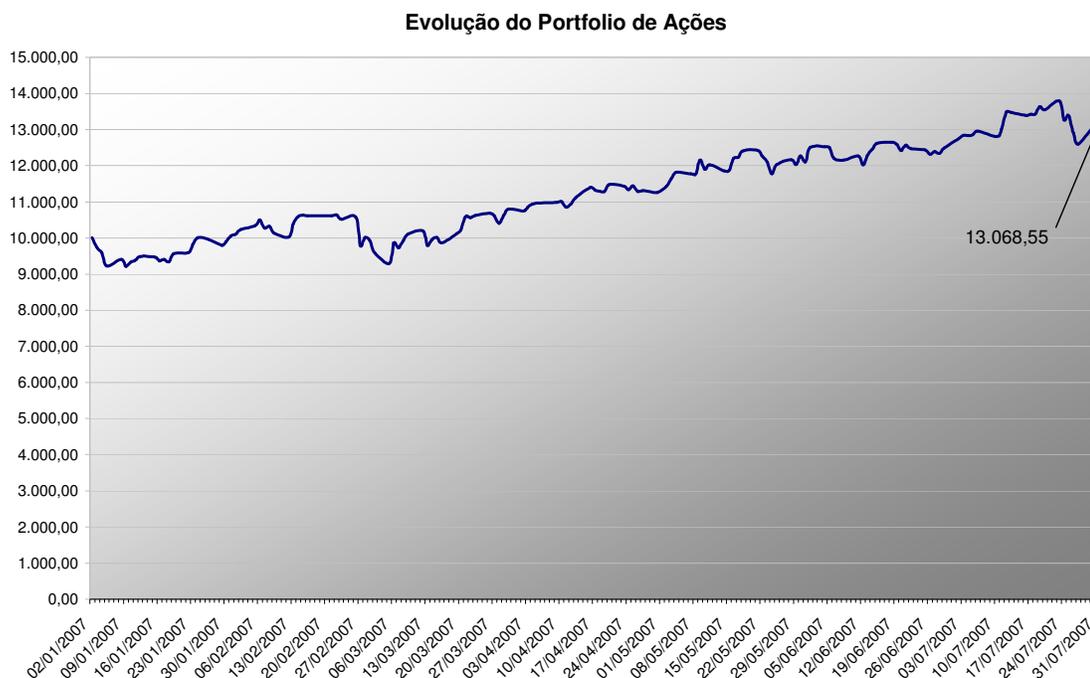


Figura 5: Evolução do Portfólio de Ações
 Fonte: o autor, adaptado da Bovespa e InfoMoney (2007)

Na apresentação do Portfólio de Ações, na figura 5, demonstra-se que o mercado acionário é volátil, pois por vários momentos o investimento teve pequenas oscilações. No fim de todo o período (31/07/2007) o portfólio de ações apresentou uma rentabilidade acumulada de 30,68%. Uma rentabilidade superior a dos investimentos Renda Fixa e Caderneta de Poupança, se comparada com a figura 4.

Os Gráficos 4 e 5 apresentaram as evoluções de uma aplicação fictícia nos investimentos Caderneta de Poupança, Renda Fixa e Mercado de Ações. No Gráfico 6, a seguir, será realizado uma comparação destes três investimentos, foco deste trabalho, de forma a evidenciar e tornar concisa as informações e dados apresentados neste capítulo. Embora a evolução do portfólio de ações, analisada diariamente na figura 5, a demonstração da figura 6, relativa ao mercado de ações, será ilustrado pela média mensal do investimento fictício realizado, de forma a não comprometer o resultado dos três investimentos, tendo em vista que a rentabilidade da Caderneta de Poupança e Renda Fixa foram calculadas mensalmente.

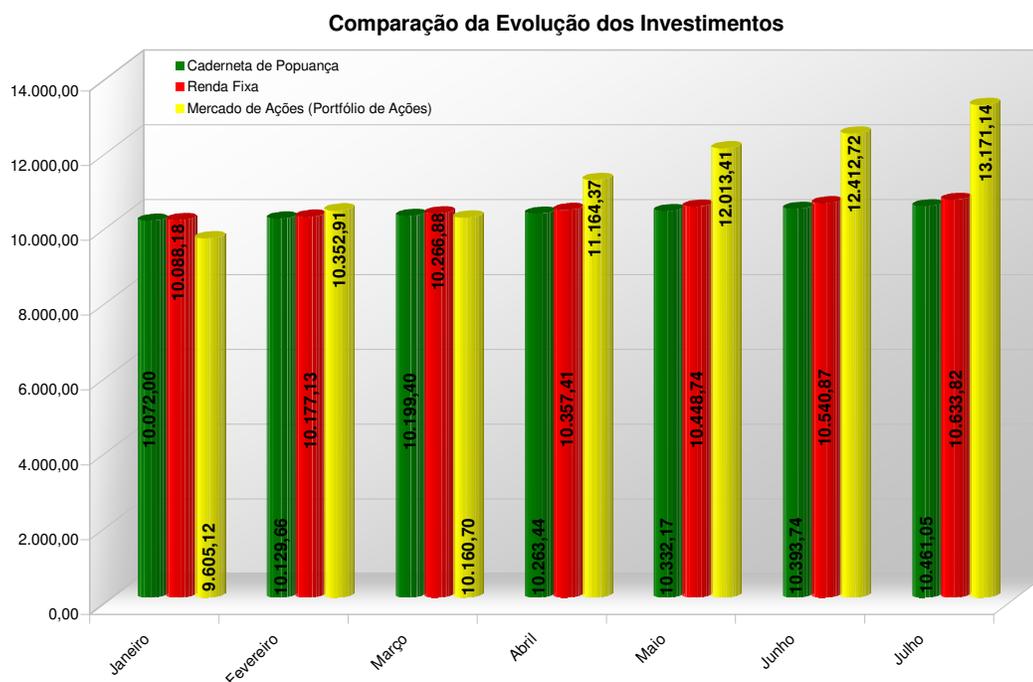


Figura 6: Comparação da Evolução dos Investimentos
 Fonte: o autor, adaptado da Bovespa, InfoMoney (2007), Andima e Portal do Investidor (2007)

No primeiro mês, embora com rendimento pouco significativo, a Renda Fixa foi o investimento que apresentou melhor rentabilidade. Neste mesmo mês, o mercado de ações, apresentou-se abaixo dos demais investimentos.

No mês de Fevereiro o mercado de ações superou os demais investimentos, porém no mês seguinte, devido a suas oscilações, teve queda e ficou pouco abaixo da rentabilidade da Caderneta de Poupança.

Embora o primeiro e terceiro mês, não tenham sido favoráveis ao mercado de ações, dada turbulências no mercado econômico, a partir do mês de Abril, o mercado de ações se consolidou e apresentou uma constante evolução. No final do período, as ações surpreenderam com um resultado bastante superior aos demais investimentos.

O retorno financeiro obtido com o resultado demonstra que o investimento financeiro realizado com o portfólio proposto e no período estudado apresentou maior rentabilidade (**31,71%**) que as aplicações financeiras *Caderneta de Poupança* (**4,61%**) e *Renda Fixa* (**6,33%**), demonstrando com isso a viabilidade do Mercado de Ações como forma alternativa de investimento financeiro.

Embora estipulado um montante fictício de aplicação no valor de R\$ 10.000,00, cabe ressaltar que a porcentagem de retorno obtido com as aplicações não teria variação com relação ao valor aplicado.

Ainda é importante lembrar que todas as análises e dados apresentados neste capítulo não tiveram incidência de qualquer tributo ou imposto sobre os investimentos pesquisados. Desta forma os resultados apresentados, foram demonstrados com percentual e valor bruto.

O montante e a composição do investimento realizado no mercado de ações não foram alterados, em nenhum momento. É evidente que para um investidor obter melhores resultados, este deverá recorrer a análises de ações e periodicamente adquirir e vender ações, respeitando os seus interesses de melhores retornos, para assim aumentar o nível de rentabilidade de sua carteira de ações.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

No início deste projeto, era evidente o desafio que seria a busca por dados e informações sobre este assunto, tendo em vista ser de extrema complexidade e difícil interpretação. Desta forma o início das atividades constou da análise dos dados teóricos, através de levantamento bibliográfico. Essa pesquisa se deu por meio do uso da biblioteca das Faculdades Integradas Teresa D'Ávila – FATEA, material cedido pela orientadora, bem como da internet, acessando sites ligados ao assunto, em especial o site da Bolsa de Valores de São Paulo – BOVESPA, no qual captou-se as rentabilidades passadas, a fim de comparar com as atuais, de forma a demonstrar os resultados históricos obtidos pelo mercado acionário.

Para atingir os objetivos da pesquisa vários encontros ocorreram com a orientadora e com pessoas ligadas ao assunto para que a pesquisa pudesse ser desenvolvida com uma linha de raciocínio de fácil entendimento, delimitando os assuntos e capítulos que foram abordados.

Como o mercado de ações apresenta riscos, informações sobre os riscos e como aplicar de forma mais segura neste segmento, também se fez presente neste projeto. Isto se deu através de muita leitura de livros e artigos publicados recentemente.

Por ser um mercado de riscos, mas que por outro lado apresenta melhores retornos financeiros, fez-se necessário a abordagem do perfil dos investidores, bem como de seus objetivos e interesses de investimentos financeiros.

No final, o autor simulou uma análise dos investimentos: Caderneta de Poupança, Renda Fixa e Mercado de Ações. A proposta de um portfólio virtual de aplicação financeira no mercado acionário realizou-se no sentido de consolidar o objetivo principal do projeto. Para a construção deste portfólio virtual, a busca pelo histórico de cotações de algumas empresas se deu por meio de sites especializados. Este portfólio foi aplicado no período de Janeiro a Julho de 2007, de forma que os dados atuais sejam melhores interpretados pelos pesquisadores e interessados no projeto.

5 CONCLUSÃO

Embora o tema deste trabalho remeta aos leitores uma impressão preliminar de complexidade, este foi desenvolvido com uma linguagem acessível, buscando não somente atingir seus objetivos, mas, também, desmistificar que o mercado de ações é um seguimento de investimento financeiro apenas para grandes investidores de vultosos recursos financeiros e profissionais da área.

Em decorrência da melhora do cenário econômico mundial, e principalmente o nacional, temos observado constantes retrações nas rentabilidades dos investimentos prioritários brasileiros, a caderneta de poupança e os fundos de renda fixa. Com este cenário de melhora econômica, os pequenos investidores saem prejudicados por não conhecerem alternativas viáveis de investimento. O mercado de ações, mesmo sendo um mercado de risco, apresenta há quatro anos uma seqüência de recordes e ascensão de rentabilidade. Mesmo sabendo que no mercado de ações, rentabilidades passadas não são garantias de rentabilidades futuras, profissionais da área e o próprio mercado econômica apontam este mercado como sendo promissor e lucrativo. Buscar o mercado de ações como alternativa é viável e merece dedicação e muito estudo por parte do investidor, para estruturar sua carteira de ações e diversificar seus investimentos financeiros.

Com a apresentação gráfica e teórica do mercado de ações, foi possível atingir o objetivo geral do trabalho, no qual foi apresentado este mercado como alternativa de investimento financeiro aos pequenos investidores. Os riscos deste mercado foram analisados e o trabalho apresenta um método de redução dos riscos de uma aplicação, onde o investidor deverá buscar a diversificação do investimento. A apresentação de um portfólio virtual de uma aplicação financeiro evidenciou a alternativa de investimento e a viabilidade do mercado acionário. Os resultados significativos e superiores aos demais investimentos financeiros demonstraram que um investidor que possua recursos disponíveis para serem investidos a longo prazo, este com certeza terá melhores resultados financeiros com o mercado de ações.

REFERÊNCIAS

AGUILAR, Adriana. **Mercado de Capitais**: Ações já atraem os pequenos investidores. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2006/folhainvest/fj1502200609.shtml>. Acesso em: 16 fev 2006.

ALVES, Daniela. **Bolsa de Valores**: sua origem, seu mercado e suas aplicações. São Paulo: UNIVAP, 2003.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE BANCOS (ASBACE). **Curso para Agentes de Investimento – Mercado Financeiro**. Disponível em: sooweb01.univali.br/prof/CRISANTO%20SOARES%20RIBEIRO/Educa%E7%E3o%20Financeira/MercadoFinanceiro2005.doc. Acesso em 10 set 2007.

BAIN, Keith; HOWELLS, Peter. **Economia Monetária**: moedas e bancos. 1ª Edição. Rio de Janeiro: LTC, 2001. 319 p.

BALBI, Sandra. **Investidor perde medo de arriscar**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2006/folhainvest/fj1502200608.shtml>. Acesso em: 15 fev 2006.

BOLSA DE VALORES DE SÃO PAULO (BOVESPA). **Índice Bovespa definição e metodologia**. São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.bovespa.com.br>. Acesso em: 10 mai 2007.

BOLSA DE VALORES DE SÃO PAULO (BOVESPA). **Comprar e Vender Ações – Mercado a Vista**. São Paulo, 1999. Disponível em: <http://www.bovespa.com.br>. Acesso em: 15 mai 2007.

BOLSA DE VALORES DE SÃO PAULO (BOVESPA). **Mercado de Capitais**. Disponível em: <http://www.bovespa.com.br>. São Paulo, 2006. Acesso em: 20 abr 2007.

BOLSA DE VALORES DE SÃO PAULO (BOVESPA). **Relatório Anual BOVESPA 2005**. São Paulo, 2006. Disponível em: http://www.bovespa.com.br/PDF/RA_VersaoCompleta.pdf. Acesso em: 15 set 2006.

BOVESPA. **Porque seus sonhos precisam de ação**. São Paulo: Bolsa de Valores de São Paulo, 2004.

CAVALCANTI, Francisco; MISUMI, Yoshio Jorge; RUDGE, Luiz Fernando. **Mercado de Capitais**: O que é, como funciona. 3ª edição. Rio de Janeiro: Campus, 2005. 371 p.

CLEMENTE, Ademir; SOUZA, Alceu. **Decisões financeiras e análise de investimentos**: fundamentos, técnicas e aplicações. 5ª edição. São Paulo: Atlas, 2004. 178 p.

FERREIRA, Ricardo J. **Sistema Financeiro Nacional**. Brasília: Comissão de Valores Mobiliários, s.d. 18 p.

FORTUNA, Eduardo. **Mercado Financeiro**: Produtos e Serviços. 16ª Edição. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2005. 848 p.

GITMAN, Lawrence J. **Princípios de Administração Financeira**. 7ª edição. São Paulo: HARBRA, 2002. 841 p.

INFOMONEY, Equipe. **Cuidando do seu dinheiro**: algumas dicas para não perder na Bolsa. Disponível em: <http://web.infomoney.com.br/templates/news/view.asp?codigo=678647&path=/suasfinancas/investimentos/>. Acesso em: 04 abr 2007.

LUQUET, Mara. **Guia Valor econômico de finanças pessoais**. São Paulo: Globo, 2000. 144 p.

MELLAGI FILHO, Armando; ISHIKAWA, Sérgio. **Mercado Financeiro e de Capitais**. 2ª edição. São Paulo: Atlas, 2003. 381 p.

MISHKIN, Frederic S. **Moeda, Bancos e Mercados Financeiros**. 5ª edição. Rio de Janeiro: LTC, 2000. 474 p.

MORAES, Luisa Siqueira Castello de. **Mercado Financeiro**. 2001. 9 f. Monografia (Graduação) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos, 2001.

PORTAL DO INVESTIDOR. Comissão de Valores Mobiliários. **Historia do Mercado de Capitais do Brasil**. Disponível em: <http://www.portaldoinvestidor.gov.br/Acadêmico/EntendendooMercadodeValoresMobiliários/HistóriadoMercadodeCapitaisdoBrasil/tabid/94/Default.aspx>. Acesso em: 24 jul 2007.

PORTAL DO INVESTIDOR. Comissão de Valores Mobiliários. **O que é Bolsa de Valores**. Disponível em: <http://www.portaldoinvestidor.gov.br/Acadêmico/EntendendooMercadodeValoresMobiliários/OqueéBolsadeValores/tabid/92/Default.aspx>. Acesso em: 24 jul 2007.

SCIARRETTA, Toni. Investidor leva cultura de poupança para a Bolsa. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 21 mai 2007. Folha Dinheiro, Caderno B, p. 5.

SECURATO, José Roberto. **Decisões financeiras em condições de risco**. 1ª Edição. São Paulo, Atlas, 1996.

VIEIRA, Fabrício. Bovespa sobre 10,7% e lidera ranking no mês. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 set 2007. Folha Dinheiro, Caderno B, p. 8.

VIEIRA, Fabrício. **Com juro em queda, investidor foge de fundos DI**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u116848.shtml>. Acesso em: 07 mai 2007.

WONNACOTT, Paul; WONNACOTT, Ronaldo. **Economia**. 2ª edição. São Paulo: Makron Books, 1994. 833 p.